

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO – UNIBRA
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

CLÁUDIA CRISTINA EVANGELISTA DE SANTANA
FABÍOLA GONÇALVES ARAÚJO
LÁZARO JOSÉ DE SOUZA FLORÊNCIO

**IMPACTO DA PANDEMIA NAS INFECÇÕES
HOSPITALARES: UMA REVISÃO DA
LITERATURA**

RECIFE/2022

CLÁUDIA CRISTINA EVANGELISTA DE SANTANA
FABÍOLA GONÇALVES ARAÚJO
LÁZARO JOSÉ DE SOUZA FLORÊNCIO

IMPACTO DA PANDEMIA NAS INFECÇÕES HOSPITALARES: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para a conclusão da disciplina de TCC II do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA.

Professor Orientador: Dr. Andriu Santos Catena

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

S232 Santana, Cláudia Cristina Evangelista de
Impacto da pandemia nas infecções hospitalares: uma revisão da
literatura. / Cláudia Cristina Evangelista de Santana, Fabíola Gonçalves
Araújo, Lázaro José de Souza Florêncio. Recife: O Autor, 2022.
28 p.

Orientador(a): Prof. Dr. Andriu Santos Catena.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Enfermagem, 2022.

Inclui Referências.

1. Enfermagem. 2. Infecção hospitalar. 3. COVID 19. I. Araújo,
Fabíola Gonçalves. II. Florêncio, Lázaro José de Souza. III. Centro
Universitário Brasileiro - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 616-083

Dedicamos este trabalho a todos os que nos ajudaram ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que nossos objetivos fossem alcançados, durante todos os anos de estudo;

Ao professor Andriu Catena, por ter sido nosso orientador e ter desempenhado tal função com dedicação, empenho e amizade, senão, não teríamos conseguido;

A nós que ainda mesmo na trajetória tenhamos pensado em desistir fomos até o fim;

A todos que contribuíram, de alguma forma para a realização deste trabalho.

“A enfermagem é uma arte, e para realizá-la como arte, requer uma devoção tão exclusiva, um preparo tão rigoroso, quanto à obra de qualquer pintor o escultor.”
(Florence Nightingale)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
APS	Atenção Primária de Saúde
CCIH	Comissão de Controle de Infecção Hospitalar
COVID 19	Infecção Respiratória Aguda Causada pelo Corona vírus
DOU	Diário Oficial da União do Brasil
EPI	Equipamentos de Proteção Individual
IRAS	Infecções Relacionadas à Assistência de Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
SARS-COV2	Sigla em Inglês que significa, Coronavirus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave
SCIELO	<i>ScientificElectronic Library Online</i>
UNISOCIESC	Universidade Sociedade Educacional de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2 OBJETIVOS.....	06
2.1 Objetivo geral.....	06
2.2 Objetivos específicos.....	06
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	06
4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	06
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	06
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	07
REFERÊNCIAS.....	07
.	

IMPACTO DA PANDEMIA NAS INFECÇÕES HOSPITALARES: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Cláudia Cristina Evangelista de Santana
Fabíola Gonçalves Araújo
Lázaro José De Souza Florêncio
Orientador: Prof. Dr. Andriu Santos Catena¹

Resumo: As infecções hospitalares são um problema de saúde que afeta não só o Brasil, mas o mundo todo. Com o advento da Pandemia, decretada em 11 de março de 2019, os desafios enfrentados para diminuir a incidência de casos, sobre tudo pelo vírus da covid-19 aumentaram. Nesse cenário, o papel do enfermeiro se torna de extrema importância para o combate, prevenção e diminuição dos casos de infecções no ambiente hospitalar. O objetivo deste trabalho visa analisar as principais causas de infecções hospitalares com ênfase no impacto da pandemia do COVID-19 nas incidências dos casos de IRAS e o papel da Enfermagem ante a este problema. Trata-se de uma revisão bibliográfica no qual foram utilizando artigos publicados de bancos de dados tais como *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Revista Enfermagem atual e Sociedade Educacional de Santa Catarina – UNISOCIESC tendo como critérios de inclusão temas voltados a infecções hospitalares, enfermagem e covid-19 Foi observado que com o advento da pandemia COVID-19, decretada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), houve um aumento considerável no número de casos de infecções hospitalares associadas a esta doença que trouxe maiores riscos e desafios para a Saúde. Assim, fica evidente a necessidade da prática de métodos de segurança e controle por parte da equipe de saúde com ênfase no papel da enfermagem. Tendo em vista os agravos a Saúde causados pelas IRAS e potencializados após o advento da pandemia do coronavírus, a atenção as técnicas de segurança, assepsia e higienização como o uso correto dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) por parte da equipe de saúde, e especificamente da enfermagem levarão a uma diminuição e prevenção dos casos de infecções dentro dos hospitais.

Palavras-chave: Enfermagem. Infecção hospitalar. COVID 19.

Professor da UNIBRA. Doutor em Biologia Aplicada à Saúde. E-mail: andriucatena@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As infecções hospitalares constituem um sério problema de Saúde Pública no Brasil e no mundo. São causa importante de morbidade e mortalidade relacionada a pessoas que se submetem a algum tipo de procedimento cirúrgico e não cirúrgico como forma de tratamento. Algumas infecções hospitalares são evitáveis e outras não. Infecções previsíveis são aquelas em que se pode interferir na cadeia de transmissão dos microrganismos (MATO et al., 2018)

A interrupção da cadeia de transmissão dos agentes infecciosos pode ser realizada por meio de medidas reconhecidamente eficazes, como a lavagem das mãos, o processamento dos artigos e superfícies, a utilização dos equipamentos de proteção individual e coletivo, no caso do risco laboral, e a observação das medidas de assepsia. As mãos dos profissionais de saúde representam o principal veículo de transmissão de microrganismos, sendo o principal fator determinante das infecções hospitalares. Por isso, a higienização das mãos não deve ser vista apenas como uma prática opcional, mas como obrigação, fundamental para a garantia da assistência segura (OLIVEIRA; PINTO, 2018)

Infecções não previsíveis são aquelas que ocorrem a despeito de todas as precauções adotadas, como se pode constatar em pacientes imunologicamente comprometidos, e são originárias da sua microbiota. Fatores intrínsecos ao processo de cuidar envolvem a avaliação de problemas institucionais emergentes e desencadeadores de risco ao paciente hospitalizado. A falta de comprometimento, a sobrecarga de trabalho e o pouco conhecimento da técnica de higienização das mãos desempenha o papel mais importante nesta dinâmica de transmissão (BELELA-ANACLETO et al., 2017)

As Infecções Relacionadas à Assistência de Saúde (IRAS) têm elevada prevalência, morbidade e mortalidade. Nos hospitais os impactos das IRAS são mais severos e constantemente tem como desfecho o óbito. A existência de incidentes, a exemplo das IRAS, comprometem a saúde pública e se constitui um grande desafio para o aprimoramento da qualidade em saúde, que procura minimizar o risco de um dano indevido relacionado com o cuidado de saúde, a níveis aceitáveis. Falhas no processo de cuidado, erros e violações, geralmente aumentam o risco de incidentes que podem causar graves danos aos pacientes, ameaçando sua integridade e segurança (SILVA et al., 2019).

O objetivo desse trabalho é analisar os impactos nas instituições hospitalares diante da disseminação e avanço das iras e covid 19, que contribuíram para o aumento das internações hospitalares e seus agravos que levou vários pacientes a ficarem com sequelas e virem a óbito.

Acredita-se que o impacto da pandemia tenha gerado inúmeras consequências desde física, emocional e psicológica em toda população mundial. Trazendo um grande colapso nos vários setores da sociedade mundial causando alterações no comportamento em grande parte da sociedade deixando as autoridades mundial sem uma resposta imediata.

Diante do exposto artigo e das constantes incidências de infecções, o presente texto tem objetivo contribuir para a escolha de ações que podem ser tomadas visando a prevenção e diminuição desses casos, tema que se dá pelo atual momento na necessidade de divulgar e orientar através das pesquisas de análise feitas com base em literaturas bibliográficas e artigos acadêmicos.

Desse modo, este estudo buscou analisar a segurança do paciente a partir da realização de práticas relacionadas à higienização das mãos executadas pela equipe de enfermagem, as mãos dos profissionais de saúde representam o principal veículo de transmissão de microrganismos, sendo o principal fator determinante das infecções hospitalares. Por isso, a higienização das mãos não deve ser vista apenas como obrigação, fundamental para a garantia da assistência segura (OLIVEIRA e PINTO. 2018).

O impacto dessa pandemia foi devastador, os profissionais de saúde depararam-se com uma verdadeira ameaça na qual se viram quase incapaz de combater, diante de esforços em conjunto com vários outros órgãos que tornou possível o combate e a remissão nos casos de contaminação chegando na diminuição expressiva de óbitos os quais atingiram dados altíssimos e alarmantes em todo mundo.

Através de várias tentativas os profissionais de saúde se posicionaram determinantes no combate de um vírus potente e destruidor que entre outros aspectos causou sequelas e diversos transtorno em todos os lugares por onde chegou, levando muitos ao desespero e pânico pela importância diante desse vírus, os profissionais de saúde seguem fazendo seu trabalho da melhor forma

que podem levando atendimento e informações a população de maneira que as pessoas possam se prevenir e cuidar de sua saúde com esses esclarecimentos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Comparar as ações adotadas como estratégias para a diminuição e prevenção das infecções hospitalares trazidas pelas IRAS e vírus SARS-CoV-2 (Covid-19) durante a pandemia observada em 2020.

2.2 Objetivo Específico

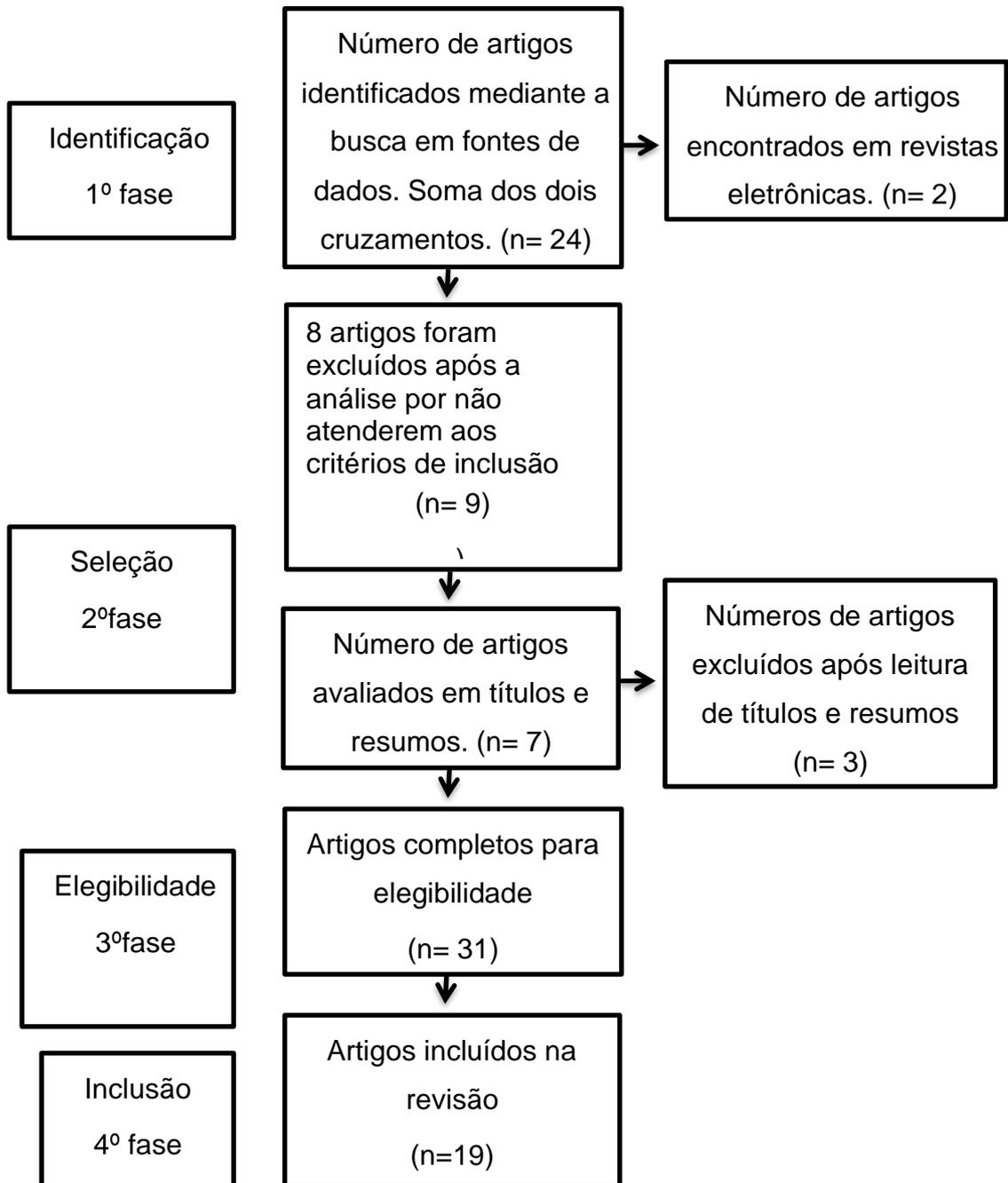
- Analisar as ações que podem ser adotadas para prevenir e diminuir os casos de doenças infecciosas adquiridas no ambiente hospitalar.
- Avaliar o impacto da pandemia da Covid-19 como facilitador da transmissão de doenças nosocomiais.
- Elaborar estratégias por meio dos profissionais de enfermagem que visam diminuir o risco de contaminação pela Covid-19 em ambiente hospitalar.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente texto trata-se de uma revisão bibliográfica com base em artigos e texto de cunho científicos já publicados sobre o assunto em discussão. Os materiais utilizados foram encontrados a partir de buscas feitas nas bases de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Revista Enfermagem atual e Sociedade Educacional de Santa Catarina – UNISOCIESC, com os descritores: enfermagem, infecção hospitalar e covid-19.

Para a elaboração do conteúdo foram utilizados Artigos e revistas científicas em que em seus títulos estivessem a palavra covid-19, infecção hospitalar e enfermagem, com data de publicação entre os anos de 2017 há 2022, destacando-se os estudos publicados no período que compreende desde

o Decreto Oficial da Organização Mundial da Saúde (OMS) que decretou o início da pandemia, de março de 2020 até 2022.



4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Pandemia da covid-19

Os primeiros casos da doença do SARS-CoV-2 mais conhecido por Coronavírus ou COVID-19, foram registrados em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Pela transmissibilidade principalmente interpessoal, por vias aéreas, a doença que era tratada como um surto em uma província chinesa se disseminou por mais de 200 países. Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou pandemia de COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 (MARQUES et al., 2020).

Dados sobre o Coronavírus descrevem que a doença propagada a partir desse vírus possui elevada capacidade de infecção, contudo possui letalidade relativamente baixa. Indivíduos com imunidade mais baixa e com doenças crônicas como doenças cardiovasculares, diabetes, entre outras, estão mais propensos a desenvolverem quadros mais graves e letais da doença. Já no Brasil, o primeiro caso de COVID-19 foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020, diagnosticada em um idoso residente do estado de São Paulo que havia retornado de uma viagem da Itália, com isso a doença se propagou rapidamente (MARQUES et al., 2020).

Acredita-se que essa transmissão da COVID-19 ocorra principalmente por meio de gotículas respiratórias, produzidas quando uma pessoa infectada tosse ou espirra, assim como acontece com a influenza e outros patógenos respiratórios. Além disso, como já sinalizado é possível a transmissão por aerossóis em pacientes submetidos a procedimentos de vias aéreas, como a intubação oro traqueal ou aspiração de vias aéreas (CAVALCANTE; ABREU, 2020).

A contaminação do SARS-CoV-2 ocorre, em média, até sete dias após o aparecimento dos sintomas, mas pode ocorrer antes do aparecimento de sinais e sintomas. O período médio de incubação é de 5 dias, com intervalo que pode chegar até 12 dias, sendo esse o tempo que os primeiros sintomas demoram para aparecer desde a infecção. Até o momento, não há informação suficiente

que defina quantos dias antes do início dos sinais e sintomas uma pessoa infectada passa a transmitir o vírus (RAMALHO et al., 2020)

Devido a transmissão comunitária do novo coronavírus houve um aumento no número de indivíduos potencialmente expostos e infectados pelo SARS-CoV-2, com uma grande parcela de indivíduos assintomáticos e pré-sintomáticos, o que inviabiliza a triagem de pessoas infectadas apenas por sintomas como, por exemplo, a febre, tosse portanto, a implementação de medidas de prevenção e controle são de extrema importância para limitar o número de pessoas não reconhecidas como portadoras do SARS-CoV-2 nos ambientes de saúde por indivíduos (DAVID; KOH, 2020)

Os profissionais da saúde em conjunto com a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) devem traçar estratégias para execução das atividades assistenciais de forma eficaz que possa evitar a contaminação pelo vírus e que contemplem as medidas de precaução padrão, de contato e por gotículas recomendadas no enfrentamento desta pandemia, a transmissão do vírus ocorre de uma pessoa doente para outra, por meio de gotículas respiratórias, espirro, tosse, aperto de mão e por objetos ou superfícies contaminadas, como por exemplo: celulares, maçanetas, mesas e teclado de computador (CAVALCANTE; ABREU, 2020).

4.2 CCIH e Covid-19

Os profissionais da saúde para combater a pandemia criaram pontos estratégicos que foram elencar as condições de trabalho, onde fornece aquisições dos EPIs bem como orientações do uso correto, redução das jornadas de trabalho e novos fluxos de atendimento nos serviços de saúde (HELIOTERIO et al., 2020). Os protocolos obtiveram como orientação a higienização das mãos, relato imediato em caso de sintomas respiratórios, avaliação clínica e testagem de profissionais sintomáticos e garantia de disponibilidade de equipamentos de proteção individual (BOSZCZOWSK, 2021).

Segundo Werneck (2020) a respeito da sistematização da enfermagem no enfrentamento da Covid-19 nos serviços de saúde:

A pandemia do covid-19 que chegou ao Brasil no ano de 2020 desencadeou a necessidade de reorganizar os serviços de saúde para atender essa emergência de saúde pública. O distanciamento físico, a lavagem das mãos, utilização de máscaras e álcool em gel foram algumas das medidas não farmacológicas adotadas nos serviços de saúde, e difundidas posteriormente para toda a população. Além disso, nesses serviços de saúde, sobretudo na APS, algumas atividades foram suspensas para evitar a aglomeração ou contato com outras pessoas, como os grupos terapêuticos e educação em saúde, intervenções de saúde no território, visitas domiciliares, e até mesmo atendimentos considerados não essenciais. Foi ainda adotada na rotina a realização de testes rápidos e consultas com pacientes sintomáticos respiratórios.

Nesse contexto, uma das medidas de precaução padrão que deve ser salientada é a de higienização das mãos. Essa medida está presente nas metas internacionais de segurança do paciente, ao qual é oficializada em protocolos assistenciais como barreira eficaz e essencial para a proteção do paciente e do profissional de saúde. Especificamente, a meta em questão é a de número cinco, das seis propostas pela Organização Mundial de Saúde que propõe a redução do risco de IRAS por meio de programas efetivos para higienização das mãos (CARDOSO; SILVA; JARDIM, 2020; OLIVEIRA et al., 2020).

A higienização das mãos faz parte de uma estratégia essencial para a prevenção da proliferação de microrganismos e, por conseguinte, infecções no âmbito hospitalar, sendo que a falta ou má realização desse processo pode acarretar em certos danos ao paciente que está inserido nesse ambiente, ao qual se pode exemplificar com a influência na resistência dos patógenos à tratamentos medicamentosos, bem como facilitam sua propagação no meio, influenciando no tempo de hospitalização necessária para a reabilitação de variadas doenças (OLIVEIRA et al., 2019; BASTISTA et al., 2020).

Salienta-se que, anteriormente ao contexto pandêmico, a literatura evidenciava um déficit na adoção do procedimento de higienização das mãos - tanto por meio de água e sabão quanto por álcool em gel 70% - apontando para inabilidade em efetuar o passo a passo recomendado para a higienização

correta. Ademais, as notificações de eventos IRAS mantinham-se altas, corroborando com quadros de risco de exposição, tanto para o cliente como para o profissional que atua promovendo atenção em saúde (CARDOSO; SILVA; JARDIM, 2020).

Soma-se a isso, a situação de déficit de recursos físicos, que vão de EPI a produtos que são utilizados para promover a higienização, propiciando assim a propagação de microrganismos causadores de IRAS (BLOWDLE et al., 2020).

Na vivência prática do trabalho intra-hospitalar ao combate à COVID-19, a equipe de saúde vem apresentando sinais de adoecimento físico e mental, provavelmente pelo excesso de trabalho e medo do desconhecido. Observam-se também as emergentes mudanças no processo de trabalho dos profissionais de saúde. Há relatos de que na China a maior contaminação dos trabalhadores deu-se por proteção inadequada em virtude do desconhecimento sobre o vírus, jornada de trabalho e tempo de exposição prolongados durante a assistência aos pacientes suspeitos ou contaminados (STEWART, 2019; NGUEMELEU, 2020).

4.3 A pandemia e seu impacto psicológico

O medo deste novo vírus está impulsionando mudanças no comportamento e nas práticas assistenciais na saúde. Esses comportamentos serão legados importantes que promovem mais solidariedade, além do cuidado com o paciente, com o colega de trabalho e com o familiar em casa (STEWART, 2019; NGUEMELEU, 2020).

A rápida disseminação do novo coronavírus por todo o mundo, as incertezas sobre como controlar a doença e sobre a seriedade da COVID-19, além da imprevisibilidade acerca do tempo de duração da pandemia e dos seus desdobramentos, caracterizam-se como fatores de risco à saúde mental da população geral (Zandifar & Badrfam, 2020). Esse cenário parece agravado também pela difusão de mitos e informações equivocadas sobre a infecção e as medidas de prevenção, assim como pela dificuldade para compreensão de orientações das autoridades sanitárias pela população geral (BAO et al., 2020).

Além dos riscos pessoais, eles também temem que pessoas próximas, como familiares e amigos, sejam infectadas, inclusive por eles que mantêm

contato direto como os pacientes doentes, por isso, se sentem estigmatizados ou insuficientes diante da situação do surto do vírus e da alta mortalidade, gerando nestes inúmeros problemas como ansiedade, estresse e depressão que podem trazer a eles, graves consequências a longo prazo.

Apesar de todas as repercussões biopsicossociais já evidenciadas em estudos científicos e noticiadas pela mídia, o impacto desta pandemia ainda não recebeu atenção necessária quanto às implicações psicológicas e mentais. Sintomas de depressão, ansiedade e estresse diante deste momento pandêmico têm sido identificados na população geral (WANG et al., 2020).

Do mesmo modo, pacientes suspeitos, infectados com o vírus da COVID-19, bem como, profissionais da saúde, de serviços essenciais e outros indivíduos em contato próximo com os pacientes afetados estão também nos grupos propícios a danos à saúde mental como ansiedade, depressão, medo do contágio ou morte (AHMED et al., 2020)

Observou-se que o “invisível”, representado pelo novo coronavírus, conseguiu “sensibilizar” de forma surpreendente os profissionais à adesão das metas desejadas pela CCIH. Contudo, no que concerne à formação dos profissionais de saúde, o tema de controle de IRAS não é abordado com a devida relevância, sendo raros os cursos de graduação que abordem adequadamente essa temática, tendo como consequência um grande hiato entre a prática e as recomendações deste modo, é imprescindível o treinamento da equipe multidisciplinar para a obtenção do êxito nos aspectos que tangem à prevenção e controle das IRAS (SINÉSIO et al., 2018).

4.4 Medidas profiláticas na contenção da infecção hospitalar por covid-19

O surgimento e ressurgimento dessas doenças configuram uma verdadeira ameaça para os serviços de saúde, sendo que a adoção de medidas de prevenção e controle são as principais formas de reduzir os riscos inerentes a elas (ACCARDI, 2017). Neste sentido, é importante salientar que o

enfrentamento dessas doenças, por si só já é um grande desafio. Dessa forma, exige-se que os profissionais envolvidos compreendam a multiplicidade dos fatores causais e atuem, através de sistemas de vigilância eficazes, para prevenir, controlar e, assim, minimizar as consequências (MOURYA et al., 2019).

Embora os antibióticos não sejam eficazes para o tratamento de COVID-19, eles são prescritos para pacientes com suspeita de COVID-19 devido a uma variedade de fatores. Isso inclui a dificuldade de exclusão de bactérias por meio de coinfeção no momento do tratamento e a possibilidade de reinfeção durante o curso da doença. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), despertando preocupações sobre o aumento da mortalidade de pacientes com superinfecção bacteriana durante a pandemia de influenza, algumas diretrizes defendem o uso de antibióticos empíricos para pacientes com COVID-19 grave. No entanto, essa hipótese levanta preocupações sobre o uso excessivo e os danos subsequentes dos antibióticos relacionado à resistência bacteriana (ALHAZZANI et al., 2019).

Em vista do possível uso indevido de antibióticos empíricos de amplo espectro em pacientes graves com COVID-19, o foco deve ser a prevenção e o uso cauteloso de antibióticos para reduzir o desenvolvimento de resistência aos medicamentos (CLANCY, 2020; HUTTNER et al., 2020).

O que leva a crer que o fortalecimento do sistema imunológico pode ser obtido a partir da construção do hábito alimentar saudável, auxiliando na prevenção e recuperação de infecções como a causada pela COVID-19. A distribuição correta de macronutrientes e micronutrientes auxilia no melhor desempenho de atribuições fisiológicas do organismo humano. A vitamina A ou retinol eleva a resistência do organismo no que diz respeito a agentes infecciosos por meio da contribuição ao sistema imunológico. Foi constatado que a diminuição da ocorrência e agravamento de infecções está diretamente ligada à imunidade do indivíduo. Essa por sua vez está ligada ao hábito alimentar saudável (DULTRA et al., 2020).

A prática de educar em saúde contribui para o maior entendimento das práticas de biossegurança o que pode resultar na parceria entre todos os agentes envolvidos no cuidado favorecendo a segurança do paciente. Tanto hospitais particulares quanto os públicos devem prestar informações

quantitativas sobre os casos de IRAS, verifica-se um importante aumento de notificações, nos últimos anos, por parte dessas instituições, o que se deve não só à conscientização da periculosidade das infecções hospitalares e suas relações com a mortalidade dos pacientes, como também à ação da Anvisa e dos órgãos que esta coordena (AZEVEDO et al, 2018; HOFFMANN et al, 2019).

As IRAS constituem um evento multicausal com destaque para alguns mecanismos mais frequentes de transmissão de patógenos. Essa transmissão de microrganismos pode ocorrer por meio de contaminação cruzada, ou seja, é transmitida de um paciente a outro em decorrência da falta ou uso inadequado dos Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs), através do contato com superfícies ou objetos contaminados, materiais cujo o processamento foi ineficaz e, especialmente, pela falta de higienização das mãos dos profissionais (PAULA; SALGE; PALOS, 2017).

No Brasil, diante da decorrência da pandemia de COVID-19, foi decretado pelo Governo Federal, por meio da Portaria nº 340, de 30 de março de 2020, recomendações sobre medidas para o enfrentamento da emergência em Saúde Pública de importância Nacional decorrente de infecção humana pela COVID-19, no âmbito das Comunidades Terapêuticas. Este documento também cita as medidas de isolamento social, revelando a necessidade dos indivíduos com suspeita do vírus e sintomáticos permanecerem em isolamento, como meio de diminuir a progressão e disseminação do vírus, resultando em controle, e menores taxas de morbidade e mortalidade (Diário Oficial da União do Brasil [DOU], 2020)

As máscaras faciais tornam-se eficazes no combate da proliferação do vírus. De acordo com Cunha et al. (2020), existe vários tipos de as máscaras, cirúrgicas N95, N100, PFF3, PFF2, entre outras, sendo classificadas em dois tipos, a que retém partículas solidas e líquidos a base de água e óleo e a resistente ao aerossol que retém partículas solidas e liquidas a base de água. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA (2020) as duas máscaras mais utilizadas na prática são a N95 e a PFF2.

Entende-se que os esforços feitos pelos profissionais de Saúde são destinados a promoção e prevenção de segurança nos cuidados aos pacientes acometidos pelo presente vírus, ao qual gerou inúmeras discussões sobre o determinado assunto em escala mundial, cujo objetivo maior foi apresentar soluções eficazes no combate ao vírus e a pandemia.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra final foi composta por 19 artigos, quanto ao ano de publicação, 2017 estudos foram publicados em 2022, em 2016, 01 em 2017, 03 em 2018, 01 em 2019 e 01 em 2020. Em relação ao idioma das publicações, todos os 19 estudos foram publicados em português.

A fim de apresentar os resultados desta revisão em um formato sinóptico, elaborou-se um quadro síntese (Quadro 1) que enfatiza informações relevantes dos estudos selecionados, utilizando sete dos principais artigos relacionados ao tema.

QUADRO 1:Caracterização dos artigos em análise. Recife, Pernambuco, 2022.

AUTOR/ de publicação	ANO	TÍTULO	OBJETIVO	CONSIDERAÇÕES
ACCARDI, R. et al., 2017.		Impactos psicológicos da pandemia do SARS-CoV-2 na população mundial: Uma revisão integrativa	Comparar as ações adotadas como estratégias para a diminuição e prevenção das infecções hospitalares trazidas pelas IRAS e vírus SARS-CoV-2 (Covid-19)	A partir desse trabalho, torna-se possível evidenciar que há uma quantidade relevante de artigos científicos publicados no âmbito nacional e internacional que buscam uma abordagem do tema em questão.

		durante a pandemia observada em 2020.	
AZEVEDO et al., 2018.	Medidas de precaução específica direcionadas a acompanhantes e visitantes: visão dos profissionais de comissão de controle de infecção hospitalar.	Relacionar as recomendações contidas nos Programas de Controle de Infecção Hospitalar voltadas à acompanhantes e visitantes de pacientes hospitalizados em precaução específica com a percepção dos profissionais da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar	É sabido que o risco das IRAS está especificamente relacionado ao aumento da sobrecarga da enfermagem, das intervenções e período de estadia. Sobressai o valor de implantar novos métodos de divisão de pacientes que abrange as inevitabilidades dos serviços em UTI.
NABUCO; AFONSO, 2020	O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental.	Apresentar uma proposta para a atuação das equipes de Atenção Primária na saúde (APS) no	Os principais fatores de risco para adoecimento mental identificados incluem: vulnerabilidade social, contrair a doença ou conviver

		enfrentamento ao adoecimento mental relacionado à pandemia	com alguém infectado, existência de transtorno mental prévio, ser idoso e ser profissional de saúde
VASCONCELOS et al., 2020.	O novo corona vírus e os impactos psicologicos da quarentena.	Realizar uma análise sobre os efeitos da quarentena e propor estratégias para enfrentá-la, além de minimizar seus efeitos.	A quarentena pode desencadear sintomas psicológicos, sendo os sintomas mais comuns ansiedade, tristeza e raiva, podendo ser pontuais ou se estenderem após o término do isolamento.
HELIOTERIO et al., 2020	Papel da enfermagem no controle dos riscos de infecção hospitalar	Resumo da coinfeção de vírus, bactérias e fungos com SARS-CoV-2, seus efeitos sobre COVID19, as razões da coinfeção, e o diagnóstico para enfatizar a importância da coinfeção microbiana na COVID-19.	A partir da bibliografia analisada, observou-se, ainda, que o problema está além dos hospitais, além da legislação e dos costumes higiênicos da população. Ele se insere principalmente na formação dos profissionais de saúde.

SINÉSIO et al., 2018.	Fatores de risco às infecções relacionadas à assistência em unidades de terapia intensiva	Identificar os fatores de risco de infecção relacionados às IRAS, considerando adultos	Esses achados poderão facilitar a identificação dos fatores de risco na prática clínica dos enfermeiros. A categorização em quatro grupos poderá fornecer subsídios para a classificação dos fatores mais frequentes e favorecer a construção de instrumentos ou escalas para a determinação do grau do risco de infecção.
-----------------------	---	--	--

Após a análise minuciosa dos artigos, pode-se identificar a evidencia que o ambiente hospitalar precisou passar por uma adaptação para enfrentar a COVID -19, com ação de protocolos com relação ao uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), treinamento para os profissionais da saúde quanto ao uso correto dos EPIs, estratégias para higienização das mãos e uso de antissépticos. De acordo com Medeiros (2020) e Branco et al. (2020) o grande desafio para os hospitais foram reorganizar os atendimentos para que todos pudessem se prevenir do vírus. Com isso os atendimentos dos pacientes exigiram uma reestruturação imediata, bem como construir novos planejamentos baseados na experiência hospitalar, desenhando assistência de todo o serviço emergencial e atendimentos separados de acordo com o nível de infecção. Os autores relataram que foi necessário que os hospitais ampliassem os leitos de unidade de terapia intensa, aumento de abastecimento dos equipamentos de proteção

individual, como as máscaras e aventais de proteção e teste suficiente para o diagnóstico.

De acordo com Silva et al. (2020) e Oliveira et al. (2020) os profissionais da saúde foram treinando para manusear corretamente os EPIs, pois a infecção por COVID-19 durante o surto de emergência, ocorreu, principalmente, nos profissionais da saúde. O treinamento sobre o uso adequado dos EPIs torna-se imprescindível e eficaz, pois fazendo o manejo e tendo todos os cuidados com os pacientes infectados, a contaminação dos profissionais é reduzida. Mas Sousa et al. (2020) ressalta que apesar dos profissionais serem treinados para usar os EPIs, eles estão se contaminando com a desparamentação inadequadas, por exemplo, a manipulação das máscaras com as mãos contaminadas.

foram classificadas por um alto índice de infecções secundárias em pacientes acometidos por COVID-19 (RAWSON et al., 2020). 12 Esses patógenos mostraram taxas extremamente altas de resistência à maioria dos agentes antibacterianos testados. Isso poderia não apenas atrasar o processo de tratamento e recuperação dos pacientes com COVID-19, mas também aumentar a taxa de mortalidade. Porém é necessário mais trabalho para investigar se há aumento nas taxas de mortalidade associadas a pacientes coinfectados com COVID-19 e bactérias resistentes a antibióticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho, torna-se possível evidenciar que há uma quantidade relevante de artigos científicos publicados no âmbito nacional e internacional que buscam uma abordagem do tema em questão. A partir do cenário atual da pandemia, fez-se primordial tomar várias decisões no âmbito hospitalares no que diz respeito a saúde e o adoecimento da população global, tendo que priorizar a segurança na saúde de todos nos setores destinados a promover e cuidar da saúde.

Sendo assim, as IRAS e covid-19 trouxeram uma realidade na qual se identificaram a necessidade em se ter um uso eficiente dos meios de combate e

proteção à propagação do vírus, pois o simples fornecimento e o uso dos EPIs não são garantia de uma proteção eficaz contra o vírus, o uso inadequado causará danos e lesões possivelmente irreversíveis, é necessário o uso correto desses meios de proteção sendo indispensável o uso de medidas e EPIs individuais ou coletivos corretamente regulamentados e recomendados nacionalmente ou internacionalmente por veículos vinculados a saúde que traga de forma informativa e eficaz a diminuição de contaminação promovendo a proteção dos profissionais da Saúde e pacientes nessa pandemia.

Dessa forma, é de fundamental importância o uso correto dos EPIs que deverão ser utilizados dos gestores a cada um dos profissionais de saúde que deverão estar capacitados e devidamente treinados para o uso e descarte dos mesmos, tendo o cuidado nos EPIs que poderão ser reutilizados fazendo o manejo adequado e de modo correto na hora de pôr e retirá-los para garantir que o armazenamento e reuso se fará da forma certa para que não haja contaminação até o seu descarte final, onde deverá ser seguidas as orientações dos órgãos responsáveis, como a Anvisa.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA. **Programa Nacional de Prevenção e Controle de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (2016-2020).**

ACCARDI, R. et al. **Prevention of healthcare associated infections: a descriptive study.** Ann Ig, 2017. DOI: 10.7416/ai.2017.2137

BARBOSA, S. de P.; SILVA, A. V. F. G. **A Prática da Atenção Primária à Saúde no Combate da COVID-19. APS EM REVISTA, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 2917–19, 2020. DOI: 10.14295/aps.v2i1.62. Disponível em: <https://apsemrevista.org/aps/article/view/62>. Acesso em: 12 jun. 2022.**
2. BRASIL

BELELA-ANACLETO, A.S.C., et al. **Higienização das mãos e a segurança do paciente: perspectiva de docentes e universitários.** Texto Contexto Enferm. 2017

BOSZCZOWSKI, Í. (2020). **Comissões de controle de infecção hospitalar em tempos de pandemia.** Acesso e cuidados especializado, 148. <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/03/1150769/COVID-19-volume5.pdf#page=149>

CARDOSO, L.S.P.; SILVA, A.A.; JARDIM, M.J.A. **Atuação do núcleo de segurança do paciente no enfrentamento da covid-19 em uma unidade hospitalar.** Enferm. Foco. v. 11, n.1. 2020.

CAVALCANTE, J. R.; ABREU, A. D. J. L. D. **COVID-19 no município do Rio de Janeiro: análise espacial da ocorrência dos primeiros casos e óbitos confirmados.** Epidemiologia e Serviços de Saúde, 29(3), 1–10, 2020. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000300007>

CAVALCANTI, I. M. F. (2020). **Alimentação, Imunidade e covid-19.** Ed. RFB Editora

DUTRA, A. F. F. O., et al. **A importância da alimentação saudável e estado nutricional adequado frente a pandemia de COVID-19.** Braz. J. of Develop. 6(9), pag. 66464-66473, 2020. <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/16336/13361>

HELIOTERIO, M. C., et al. **Covid-19: por que a proteção da saúde dos trabalhadores e trabalhadoras da saúde é prioritária no combate à pandemia?** Revista Trabalho, Educação e Saúde, v. 18, n. 3; 2020.

MATO, Matheus Costa Brandão et al. Controle de Infecção é Sinal de Segurança: Discussões a partir da Perspectiva Discente. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, v.10, n.3, p. 640-646, 2018.

Medeiros, E. A. S. (2020). **Desafios para o enfrentamento da pandemia COVID-19 em hospitais universitários.** Revista Paulista de Pediatria, 38. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2020086>

MOURYA, D. T. et al. **Emerging/re-emerging viral diseases & new viruses on the Indian horizon.** Indian J Med Res, 2019. DOI: 10.4103/ijmr.IJMR_1239_18

Nabuco, G., Oliveira, M. H. P. P., & Afonso, M. P. D. (2020). **O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental.** Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, 15(42), 1-11.

OLIVEIRA, M. A., et al. **Higienização das mãos: conhecimentos e atitudes de profissionais da saúde.** Rev. enferm. UFPE on line, p. [1-5], 2019.

Prática Deliberada em Ciclos Rápidos. *Revista Brasileira Enfermagem*, 73.
<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0303>

PAULA, A. O.; SALGE, A. K. M.; PALOS, M. A. P. **Infecções relacionadas à assistência em saúde em unidades de terapia intensiva neonatal: Uma revisão integrativa.** Enfermeria Global, 2017.
DOI: 10.6018/eglobal.16.1.238041

PORTAL Hospitais Brasil. **14% dos pacientes internados no Brasil contraem infecção hospitalar: paramentação minimiza riscos.** São Paulo: 4/11/2020.
Disponível em: . Acesso em: 2 fev. de 2021.

SILVA, R. C. D. M., SILVA, M. C. D. M., COSTA, C. R. B. **Segurança do trabalho no ambiente hospitalar frente à pandemia da COVID-19.** *Revista de Atenção à Saúde*. 18(65), 29–39, 2020.
<https://doi.org/10.13037/ras.vol18n65.7071>

SINÉSIO, M. C. T. et al. **Fatores de risco às infecções relacionadas à assistência em unidades de terapia intensiva.** *Cogitare Enfermagem*, v. 23, n. 2. 2018. ISSN 2176-9133.
<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v23i2.53826>.

Vasconcelos, C. S. S., Feitosa, I. O., Medrado, P. L. R., Brito, A. P. B. (2020). **O novo coronavírus e os impactos psicológicos da quarentena.** *Desafios - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, 7(3), 75-80.